

ANÁLISE DO TEXTO DO VESTIBULAR: A DOUTRINA DO CONSUMO

*Celso Almiro Hoffmann
Lair T. A. Schallenger
Edi Marlene Höpner Pereira
Selvino Holzbach*

1 INTRODUÇÃO

É de conhecimento geral que houve grandes contribuições para o ensino de língua portuguesa dadas pela linguística textual, pela pragmática e pela análise do discurso, nos últimos trinta anos.

Mas esses significativos avanços linguísticos não estão chegando a um ritmo esperado às salas de aula, seja no ensino fundamental ou no médio, ainda que o ensino da língua materna esteja passando, já há tempos, por uma crise. Sejam os elementos linguísticos – coesão e a coerência, como os extralingüísticos – pragmática, têm contribuições a dar ao ensino, principalmente esta última por dar uma feição pedagógica às propostas da Análise do Discurso.

O objetivo deste texto não é tecer elucubrações teóricas mas apresentar a teoria e sua aplicação prática com finalidade didático-pedagógica para tornar a linguística consumível, objeto de uso em sala de aula.

A disposição dos assuntos e sua abordagem visam a um fácil entendimento para aqueles professores que ainda não tiveram um contato mais estreito com esses fatores linguísticos.

2 COESÃO

Ela é microestrutural, ou seja, acontece em frases, dentro do parágrafo, perto uma das outras. E ela está sempre marcada no texto. Está explícita; está relacionada com o aspecto formal do texto. É fácil de vê-la.

Os principais elementos, segundo Koch (1996), de coesão são quatro: a referência, a elipse, a substituição e a coesão lexical.

2.1 COESÃO REFERENCIAL

Acontece quando uma palavra remete a outra para ser entendida. Exemplos de coesão referencial: anáfora, catáfora, endófora e exófora.

Anáfora. Ela acontece quando o referente precede o item coesivo. Por exemplo: Antônio saiu. Ele volta logo. Esse tipo de coesão pode implicar em recurso argumentativo bastante eficiente, como em: a) “Antônio saiu. Esse aluno estudioso e aplicado tem sido assíduo às aulas”; ou como em: b) Antônio saiu. “Esse aluno negligente e irresponsável tem faltado às aulas”. Catáfora. Ela acontece quando o referente vem após o item coesivo. Por exemplo: João trouxe vários objetos: lápis, borracha, caneta, etc. Endófora. A referência é endofórica quando o referente se acha expresso no próprio texto. Exófora. Ela acontece quando a remissão é feita a algum elemento que está fora do texto.

2.2 COESÃO POR ELIPSE

A elipse é a omissão de uma palavra, uma frase ou parte de um texto, mas que facilmente entendemos qual seja. ___ Quero estudar para ter conhecimento. O eu não aparece mas facilmente nós entendemos quem quer ter alguma coisa. Ele está elíptico. Em ___ Queremos mais explicações, o pronome nós é quem está elíptico.

2.3 COESÃO POR SUBSTITUIÇÃO

Por este mecanismo coesivo, há a substituição de uma palavra ou até mesmo uma frase inteira. Exemplos:

- a) João colaborou com a escola; os outros colegas fizeram o mesmo.
- b) Jorge ganhou um presente do pai; o irmão dele também.
- c) A professora limpou os sapatos antes de entrar; todos os alunos fizeram o mesmo. Observação: A principal diferença entre substituição e referência, segundo Koch (1996), é que nesta há total identidade referencial entre o item de referência e o item pressuposto, ao passo que na substituição ocorre sempre alguma redefinição.
- d) Jorge acha que não tem condições de ser aprovado; o seu professor não pensa assim.

2.4 COESÃO LEXICAL

Essa coesão, segundo Koch (1996), se dá por meio de dois mecanismos:

I - A reiteração se faz pela repetição da mesma palavra ou pelo emprego de sinônimos, hiperônimos ou nomes genéricos. Exemplos:

- a) O prefeito foi a Curitiba. O prefeito levou consigo vários secretários. (Mesmo item lexical);
- b) Uma menina atravessou a rua correndo. A garota quase foi atropelada. (sinônimo);
- c) Um avião (hipônimo) ia levantar vôo. O aparelho (hiperônimo) fazia um ruído ensurdecedor. (hiperônimo): o aparelho designa o gênero de que avião é espécie.);
- d) Todos ouviram um rumor de asas. Olharam para o alto e viram a coisa se aproximando. (Nome genérico: coisa, pessoa, fato, acontecimento, etc.).

II - A colocação acontece no emprego de termos pertencentes a uma mesma área semântica, ou seja, de um mesmo campo significativo. Exemplo:

- a) O acidente felizmente não foi grave pois várias ambulâncias transportaram rapidamente os feridos para os hospitais da cidade.

3 COERÊNCIA

A coerência é macroestrutural, ou seja, para que você possa achar um de seus elementos, deve ler o texto todo. Diferentemente da Coesão, ela pode, muitas vezes, estar oculta, subentendida, implícita. A Coerência faz com que um texto seja um texto e não um amontoado aleatório de palavras. Ela faz com que um texto tenha textualidade. Segundo Charolles (1997), para que a textualidade aconteça, quatro fatores são necessários: a continuidade, a progressão, a articulação e a não-contradição.

3.1 CONTINUIDADE

A continuidade segundo Charolles (*op. cit.*), é a retomada de conceitos e idéias no decorrer do texto e conceitos e idéias só podem ser retomadas por palavras... Como a continuidade acontece? Ela acontece pela repetição da mesma palavra, por um sinônimo, por um pronome, por uma

palavra da mesma área semântica do assunto principal do texto. Uma falha neste fator coerência fará o texto apresentar um grave erro chamado fuga ao tema. José de Alencar, em *Iracema*, faz uma descrição da natureza, das coisas nacionais (Nacionalismo), pela continuidade. Vamos ver um trecho desse romance:

“Além, muito além daquela serra, que ainda azul no horizonte, nasceu Iracema.

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira.

O favo da jati não era doce como seu sorriso: nem a baunilha recendia no bosque seu hábito perfumado.

Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.”

3.2 PROGRESSÃO

A progressão é o outro lado da continuidade, ou seja, o texto deve continuar abordando o mesmo assunto, mas não pode ficar repetindo as mesmas informações. (Charolles, *op. cit*) Quem faz o texto deve ir acrescentando novas informações, novos dados, para que ele não fique repetitivo, cansativo. Novas informações devem ser acrescentadas ao texto para que ele seja útil, informativo para quem o lê, para ter a sua aceitabilidade. Essas novas informações é que fazem o texto progredir.

3.3 ARTICULAÇÃO

A articulação cuida da organização do texto todo, harmonizando as partes que o compõem, estabelecendo, segundo Charolles (*op. cit*) quando for o caso, relações de causa e consequência, de conclusão, de oposição, e assim por diante. Esse fator de coerência tem a ver como os fatos e conceitos apresentados no texto se encadeiam, como se organizam, que papéis exercem uns em relação aos outros, que valores assumem uns em relação aos outros (VAL, 1994). Muitas vezes, pode acontecer que a articulação não está explicitada por palavras ou expressões, ou seja, por palavras de transição, mas a relação está implícita, subentendida. Um exemplo. Em “João não veio à aula. Está doente” a relação causa/consequência não está explícita com o operador argumentativo porque, mas está implícita e pode ser entendida normalmente.

Outro exemplo: Funcionários que recebem uma nova proposta de trabalho na qual não estão interessados devem evitar aquele joguinho de tentar leiloar-se para obter um aumento de salário ou uma promoção (conseqüência). (1) Há o risco óbvio de ser aconselhados a aceitar o convite da outra companhia, o que é desmoralizante, e (causa); (2) existe também a possibilidade de o chefe perceber a jogada, o que é um desastre. Rubens Gimael, especialista em aconselhamento de carreira da Personal Consulting diz que o ideal é... Se a empresa estiver em clima de corte de gastos, o melhor a fazer é esquecer o assunto. (causa); (3) É muito mais fácil demitir um funcionário que já tenha trabalho garantido do que outro sem perspectivas (causa). (Veja, 31/7/02. *Carreira. O leilão é um perigo.*) Observação: veja que nesse texto acima estão implícitos estes três operadores argumentativos: (1, 2, 3) porque.

3.4 NÃO-CONTRADIÇÃO

Esse fator de coerência, segundo Charolles (*op. cit.*), deve ser observado tanto no âmbito interno quanto no âmbito das relações do texto com o mundo a que se refere. (Charolles, *op. cit.*) A contradição interna acontece quando você não observa princípios lógicos elementares. Por exemplo, afirmar A e o contrário de A., ou estabelecer uma relação não lógica, por exemplo, como em A sala estava escura, mas eu conseguia ver as cores das roupas das pessoas em detalhes. A contradição desta frase pode ser eliminada se for acrescentado, por exemplo, que a pessoa estava usando óculos de lentes especiais, que já existem e que permitem ter visão no escuro. Por outro lado, na contradição externa, um texto coerente não admite que você contradiga o mundo a que se refere. Por exemplo, afirmar “Aqui, no Brasil, todos os políticos são ladrões” é uma contradição, pois se houver um milhão de políticos no país e um deles – um só! – não for ladrão, já não são todos os políticos ladrões. Está configurada a contradição, a incoerência desse enunciado. Portanto, é preciso ficar atento quanto a palavras de valor absoluto, como: tudo, todos, nada, ninguém, sempre, nunca. Elas não deixam margem para qualquer exceção.

4 FATORES EXTRALINGÜÍSTICOS

4.1 FATORES CONTEXTUAIS/SITUACIONAIS

O ato lingüístico fundamental, para Koch (1996), é o ato de argumentar; o que quer dizer que comunicar não é agir na explicitude lingüística e sim montar o discurso envolvendo intenções, crenças, convicções, objetivos, perspectivas, argumentos. Assim, os elementos pragmáticos assumem um caráter constitutivo na produção de sentido ao fazer parte do significado geral do enunciado. Segundo Beaugrande e Dressler (1981), os fatores pragmáticos são cinco: a intencionalidade, a aceitabilidade, a situacionalidade, a informatividade e a intertextualidade. Esses fatores são também chamados de socioculturais ou contextuais por envolverem, no estabelecimento da coerência do texto, elementos extralingüísticos. Para Koch (1996:59), a construção da coerência e da coesão – que são fatores lingüísticos, portanto estão no texto, dentro dele – depende de muitos fatores que estão fora do texto, ou seja, que são extralingüísticos.

4.1.1 INTENCIONALIDADE

A intencionalidade refere-se ao modo como os emissores – que somos nós, quando fazemos um texto oral ou escrito – usam textos para perseguir e realizar suas intenções, produzindo, para tanto, textos adequados para a obtenção dos efeitos desejados. É por essa razão que o emissor procura, de modo geral, construir seu texto de modo coerente e dar pistas ao receptor que lhe permitam entender o sentido do que está escrito.

4.1.2 ACEITABILIDADE

A aceitabilidade é o outro lado da intencionalidade. Segundo Beaugrande e Dressler (op. cit.), geralmente, o que comanda a comunicação humana é a cooperação, isto é, quando duas pessoas interagem por meio da linguagem, elas se esforçam para fazer-se compreender e procuram entender o sentido do texto do(s) interlocutor(es), partindo de pistas que ele contém e ativando seu conhecimento de mundo, da situação, etc. Mas, acontecendo a linguagem pouco informativa, repetida, conforme pode ser

observado no item Informatividade, pode ocorrer a rejeição do interlocutor pelo texto.

4.1.3 SITUACIONALIDADE

Ainda segundo esses autores, a situação comunicativa tem interferência direta na maneira como o texto é construído, sendo responsável, portanto, pelas variações lingüísticas. É preciso, ao construir o texto, verificar o que é adequado àquela situação específica: grau de formalidade, variedade dialetal, tratamento a ser dado ao assunto, etc. O lugar e o momento da comunicação, bem como as imagens recíprocas que os interlocutores fazem uns dos outros, os papéis que desempenham, seus pontos de vista, objetivo da comunicação, enfim, todos os dados situacionais vão influir tanto na produção do texto, como na sua compreensão.

4.1.4 INFORMATIVIDADE

De acordo com Beaugrande e Dressler (op. cit.), a informatividade de um texto pode ser: previsível ou imprevisível; esperada ou não-esperada. O texto, dessa forma, é menos informativo, se grande for a sua previsibilidade. Mas, por outro lado, é mais informativo, se pequena for a previsibilidade. Atenção: Um texto pouco informativo contém informações que chamamos de senso comum que são frases que ouvimos em todos os lugares e mostram a pouca leitura de quem as diz. Por exemplo, são expressões do senso comum, que podem ser ouvidas nos recreios, nas ruas, nos campos de futebol, em conversa de bar, como: – “Não será este candidato, com toda a sua cretinice, que irá combater a inflação.” – “É agradável a vida rural. Os caboclos vivem em contato direto com a natureza.” – “Estou cansado de palavras sutis de certos políticos e certos padres.” “Tal partido é uma verdadeira pocilga humana.” – “É preciso tirar o voto das mulheres solteiras, que só escolhem o candidato pela foto.”

4.1.5 INTERTEXTUALIDADE

A produção e a recepção de um texto depende, muitas vezes, do conhecimento de outros textos, ou seja, de outras leituras por parte dos interlocutores, sem o que a coerência é prejudicada. A intertextualidade é uma constante, ocorre a todo momento: textos de uma mesma época, de

uma mesma área de conhecimento, de uma mesma cultura, etc., dialogam, necessariamente uns com os outros. A intertextualidade pode ocorrer de maneira explícita ou implícita. No primeiro caso, o texto contém a indicação da fonte do texto primeiro, como acontece com o discurso relatado; as citações e referências no texto científico; resumos e resenhas; traduções; retomadas da fala do parceiro na conversação face a face, etc. Já no caso da intertextualidade implícita não se tem a indicação da fonte, de modo que o receptor deverá ter os conhecimentos necessários para recuperá-la. Do contrário, não será capaz de captar a significação implícita que o produtor pretende passar. É o caso de alguns tipos de ironia, da paródia, de certas paráfrases, por exemplo. É intertextualidade explícita: “Concordamos com Charolles (op. cit.), quando afirma ser a coerência um princípio de textualidade do texto.” Segundo Koch & Travaglia (1996: 79), não havendo indicação da fonte do texto original, caberá ao receptor, através de seu conhecimento de mundo, não só descobri-la como detectar a intenção do produtor do texto ao retomar o que foi dito por outrem. São comuns exemplos de textos que imitam a linguagem da Bíblia. O leitor que não conheça a Bíblia não chegará, evidentemente, a captar todas as significações pretendidas pelo autor. Há intertextualidade: a) nas matérias jornalísticas de um mesmo dia ou de uma mesma semana quando dialogam entre si, ao tratarem de um fato em destaque; b) na música popular, quando o autor retoma trechos de outras canções próprias ou alheias; c) também ela acontece quando nos apropriamos de provérbios e ditos populares em nossas conversas ou em nossos textos escritos. O reconhecimento do texto-fonte e dos motivos de sua re-apresentação, no caso da intertextualidade implícita, é de grande importância para a construção do sentido de um texto.

4.2 ELEMENTOS ARGUMENTATIVOS

4.2.1 OPERADORES ARGUMENTATIVOS

Os operadores argumentativos são palavras ou expressões que são responsáveis pela ligação, pela coesão de duas orações, segundo Koch (1997), e também mostrar a força argumentativa dos enunciados, a direção (sentido) para o qual apontam. Portanto, ao fazer essa ligação, eles indicam que tipo de relação é essa que estão fazendo, se a relação é de causa e consequência, de conclusão, de oposição ou ressalva, de soma de duas idéias, de objetivo ou finalidade, e assim por diante. Por isso, há vários tipos desses operadores argumentativos, que indicam argumentos diferentes, sentidos diferentes, no texto. Vejamos o esquema:

João quer ir à escola...

- porque (1) quer ter uma profissão melhor (Porque indica *causa, explicação ou justificativa*);
- portanto (2) poderá ter empregos melhores (Portanto indica *conclusão* de uma ou várias idéias);
- mas (3) terá de se esforçar para aprender. (Mas indica *argumento contrário e predominante*);
- apesar de (4) trabalhar muito. (Apesar indica *uma ressalva, uma concessão* e o seu argumento é *mais fraco* que o outro.);
- mesmo que tenha que dormir menos, andar a pé, até mesmo (5) se tiver que estudar aos domingos (Até mesmo indica *a idéia, o argumento mais forte* do conjunto);
- para (6) ter um futuro melhor. (Para indica *finalidade, objetivo*);
- se (7) tiver tempo. (Se indica *condição*, que *implica* alguma coisa). Ex. Ter tempo é condição, que implica João ir à escola;

Um argumento, como dizem Platão e Fiorin (1996: 279), não é necessariamente uma prova de verdade. Trata-se, acima de tudo, de um recurso de natureza lingüística destinado a levar o interlocutor a aceitar os pontos de vista de quem fala.

4.2.2 OS MODALIZADORES DA ENUNCIÇÃO

Modalizadores são os elementos, segundo Maia (1996: 69), que traduzem uma apreciação subjetiva por parte do enunciador, exprimindo sua atitude em relação ao enunciado que produz.

As modalidades da enunciação podem ser expressas por: substantivos e adjetivos, quando expressam um julgamento de valor, favorável ou desfavorável, opondo julgamentos positivos ou negativos. Exemplo: Ele é um gênio. Esta situação está insuportável. Esta é uma questão indecente. Ela é um exemplo de franqueza.

- Advérbios ou locuções que exprimem dúvida, incerteza, certeza, etc.: Exemplo: talvez, sem dúvida, certamente, provavelmente, redondamente...
- Advérbios que exprimem implicitamente uma modalidade de enunciado, remetendo ao sujeito da enunciação. Exemplo: sinceramente, confidencialmente, francamente...

- *Verbos de valor subjetivo que avaliam a ação descrita (berrar, vociferar (bradar, exclamar, falar em voz alta), ladrar, degenerar, regredir, reincidir, maltratar) ou um dos agentes (infligir, privar de, merecer). Exemplo: Ele ficou berrando na porta de casa. O guarda maltratou o motorista. Antônio merece a mulher que tem.*
- Verbos que denotam um comportamento verbal, isto é, emitem, por parte do locutor, um julgamento sobre a veracidade ou falsidade do conteúdo de um enunciado: *afirmar, sustentar, reconhecer, contradizer-se, admitir...*
Exemplo:
 - Posso *afirmar* que ela é uma boa dona-de-casa.

Exemplos de modalizadores de jornais e revistas:

- Segundo o testemunho da namorada do professor, soldados *teriam* gritado duas vezes “pára o carro” antes de atirar.
- Bush *perderia* eleição hoje, mostra pesquisa
- Se o Brasil não tivesse mudado, *talvez* fosse outro o desfecho do caso Roseana Sarney, cuja candidatura foi pulverizada quando a polícia achou aquele dinheiro no escritório do marido. (Revista *Veja*)

Exemplos da Folha de São Paulo:

- Para Köhler, guerra *pode* trazer recessão mundial
- Governo argentino *tenta* tranquilizar devedores
- Governo *quer* trocar tropas nas ruas por “missão de inteligência”.

4.2.3 OUTRAS MANEIRAS DE SE MARCAR A MODALIZAÇÃO NO TEXTO

Além da utilização de tempos do mundo narrado no mundo comentado, há, segundo Abreu (2001: 57), outras maneiras de se modalizar um texto, tornando-o menos autoritário, mais polido. Dentre os mais comuns são:

- o uso dos auxiliares modais: *dever, poder, querer, precisar*, etc.
- predicados cristalizados, do senso comum: *é certo, é preciso, é necessário, é provável*, etc.
- advérbios modalizadores: *provavelmente, certamente, necessariamente, possivelmente*, etc.
- verbos de atitude proposicional: *eu creio, eu sei, eu duvido, eu acho, eu penso*, etc.

Agora um texto sem modalização:

Tendo em vista as perspectivas que a diplomacia **abre** a quem queira abraçá-la, os percalços **traduzem** a queda vertical em que o Brasil **mergulha** sem que se saiba onde e quando **vai** parar, para reiniciar a ascensão que **haverá** de expressar uma recuperação indispensável.

Neste texto temos alguns dos recursos propostos:

Tendo em vista as perspectivas que a diplomacia abre a quem queira abraçá-la, os percalços traduzem, **provavelmente**, a queda vertical em que o Brasil **parece** mergulhar, sem que se saiba onde e quando vai parar para reiniciar a ascensão que **haveria** de expressar uma recuperação indispensável.

É óbvio que a modalização deve ser utilizada com critério, de maneira a não descaracterizar os textos em que ela seja utilizada. Trata-se, segundo Abreu (*op. cit.*), de um recurso extremamente útil, na produção de textos de ajuste (cartas ou ofícios reclamando alguma coisa, respondendo a reclamações, etc.

4.2.4 TEMPOS VERBAIS E A MACROESTRUTURA DO TEXTO.

Segundo Abreu (*op. cit.*), existe uma interessante e útil correlação entre o texto argumentativo (mundo comentado), o texto narrativo (mundo narrado), e o uso dos tempos verbais.

Segundo Koch (*op. cit.*) no mundo comentado, o locutor responsabiliza-se, compromete-se com aquilo que enuncia, isto é, há uma adesão máxima do locutor ao seu enunciado, o que cria uma “tensão” entre os interlocutores que estão envolvidos no discurso.

O texto argumentativo (mundo comentado), com no caso da dissertação, faz uso mais freqüente do presente (canto) e do futuro do presente (cantarei ou vou cantar).

No mundo narrado, a atitude do locutor é distensa, “relaxada”: ele se distancia do seu discurso, não se compromete com relação ao que é dito: simplesmente relata os fatos, sem interferência direta.

Os tempos mais usados nos textos narrativos (mundo narrado) são os tempos do passado: perfeito (cantei), imperfeito (cantava), mais-que-perfeito (cantara ou tinha cantado) e futuro do pretérito (cantaria).

Agora um exemplo de um texto argumentativo (mundo comentado), segundo Abreu (2004: 57).

São três os nutrientes calóricos, isto é, que fornecem energia para o corpo, ao liberarem calor na combustão, ou queima. Os carboidratos são os primeiros a serem queimados como fonte de energia pelo corpo, pois sua combustão é mais fácil. Cada grama de açúcar ou outro carboidrato tem quatro calorias. A gordura ou líquido, apesar de produzir mais energia, ou calor na queima, é a segunda fonte de energia do corpo humano.

Observamos agora que o presente é o tempo verbal dominante: **“São três os nutrientes”, “fornecem energia para o corpo”, Os carboidratos são os primeiros”, “sua combustão é mais fácil”, “tem quatro calorias”.**

Exemplificamos com um texto narrativo:

Na segunda-feira passada, a estudante Kátia de Souza Rodrigues, de 15 anos, saiu de casa à tarde para tentar conseguir seu primeiro emprego. No bairro paulista da Lapa, onde ela iria tentar conseguir trabalho., seus planos tiveram um violento ponto final. Atropelada por um Escort, cujo motorista ainda não foi identificado, Kátia entrou em coma e morreu menos de 24 horas depois. A morte da menina teria um significado de vida para seis outras pessoas. Jovem, sadia, sem nunca ter tido uma doença grave, o corpo de Kátia serviu como doador de seis órgãos para paciente de transplantes, algo inédito no Brasil.

Na leitura, podemos observar o uso dos tempos do passado: **“saiu de casa”** (perfeito), **“iria tentar”** (futuro do pretérito), **“tiveram um violento ponto final”** (perfeito), **“entrou em coma”** (perfeito), **“A morte da menina teria um significado”** (futuro do pretérito).

4.2.5 ELEMENTOS DE PRESSUPOSIÇÃO

Há dois elementos importantes, segundo Platão e Fiorin (1996), para a argumentação de um texto: o posto e o pressuposto. Pressupostos são idéias não expressas de maneira explícita, que decorrem logicamente do sentido de certas palavras ou expressões contidas na frase. Há operadores que têm por função introduzir conteúdos pressupostos, como por exemplo: já, ainda, agora, primeiro, último, terceiro, continuar, permanecer. Ricardo ainda mora em São Paulo introduzo o pressuposto de que Ricardo morava em São Paulo antes.

Posto é a informação objetiva que o texto apresenta. Por exemplo: Ricardo mora em São Paulo. Este enunciado não tem nenhum pressuposto. A afirmação é objetiva, todos entendemos uma coisa só. Mas, se eu disser:

Os termos que em geral servem de pressupostos são:

1. Adjetivos ou palavras similares:

- Solange foi minha primeira filha.

Primeira pressupõe:

- a) que tenho outras filhas;
- b) que não tenho filhos;
- c) que as outras filhas nasceram depois de Solange.

2) Verbos que indicam mudança ou permanência de estado (por exemplo, permanecer, continuar, tornar-se.) Exemplo: Renato continua doente. O verbo continuar indica que Renato já estava doente no momento anterior ao presente.

3) Certos advérbios

- A produção agropecuária brasileira está *totalmente* nas mãos de brasileiros.

O advérbio *totalmente* pressupõe que não há no Brasil nenhum estrangeiro produtor agrícola.

4) Orações adjetivas:

- Os brasileiros, que não se importam com a coletividade, só se preocupam com o seu bem-estar e, por isso, jogam lixo na rua, fecham cruzamentos, etc.

O pressuposto é que *todos* os brasileiros (a totalidade) não se importam com a coletividade. O mesmo período poderia, no entanto, ser redigido, com a oração adjetiva não separada da principal por vírgulas, desta forma:

- Os brasileiros que não se importam com a coletividade só se preocupam com seu bem-estar e, por isso, jogam lixo na rua, fecham os cruzamentos, etc.

Nesse caso, o pressuposto é que *alguns* brasileiros não se importam com a coletividade e só esses é que fazem os atos de incivilidade arrolados.

5) Certas conjunções

- Freqüentei a Universidade, *mas* aprendi bastante. *O pressuposto* é que na Universidade não se aprende nada.

5 ANÁLISE DO TEXTO A DOUTRINA DO CONSUMO

A doutrina do consumo	01
Diante do consumismo escravizante e doentio	02
que inegavelmente é imposto pelo capitalismo às	03
diversas sociedades que por ele são regidos,	04
é possível	
reconhecer que a forma mais eficaz	05
encontrada por este	

Sistema para manter ou elevar os padrões de consumo é	06
a publicidade, atividade esta que, para atender	07
satisfatoriamente aos fins consumistas e mercantis, na	08
maioria das vezes ignora o bom senso.	09
Propagandas transmitidas diariamente nos diversos	10
meios de comunicação expõem ao público imagens e textos	11
apelativos, voltados à exaltação e ao estímulo de comporta-	12
Mentos frívolos, estereotipados e nocivos que servem para	13
desviar o olhar dos indivíduos das verdadeiras necessidades	14
humanas.	15
De forma passiva e sem questionar, as pessoas são	16
hipnoticamente induzidas a aceitar o que lhes é transmitido.	17
Aquilo que antes era supérfluo ou dispensável, após insistente	18
e sedutora propaganda passa a ser fundamental, uma real	19
necessidade. As pessoas passam a adotar hábitos e	20
Atitudes que não representam sua verdadeira identidade	21
individual ou coletiva.É a doutrina do consumo formando	22
Adeptos.	23
Não há outra forma para neutralizar os efeitos	24
psicológicos e sociais da manipulação ardilosamente	25
praticada pela publicidade senão a educação, capaz de	26
ensinar os limites do consumo e estimular a prática de	27
atividades úteis e edificantes, desenvolvendo nos indivíduos	28
a chamada vigilância epistêmica, tornando-os críticos e donos	29
de sua própria vontade, conhecedores de si e da realidade	30
que os cerca.	31

Na análise deste texto são empregados os elementos linguísticos da coesão e da coerência – continuidade, progressão, articulação e não-contradição, e os fatores extralinguísticos argumentativos da pragmática – tempos verbais, operadores argumentativos, modalizadores, pressupostos,

intertextualidade. Também fazem parte desse elenco as classes gramaticais.

Nesse conjunto, os elementos da microestrutura são enfocados pela coesão, não passando a sua abrangência o parágrafo; os fatores da coerência subsidiam teoricamente a análise da macroestrutura textual, ou seja, o texto todo; e as classes gramaticais se ligam aos aspectos linguísticos formais; e, neste texto, são consideradas quando relacionadas aos elementos linguísticos da coesão e da coerência.

O texto apresenta o fator da **continuidade** ao longo de seus parágrafos como no primeiro, na l. 01, *consumismo*, na l. 06, *padrões de consumo* e na l. 08, *fins consumista*; no segundo, na l. 10, *propagandas* (= de objetos de consumo), na l. 12 e na l. 13, *à exaltação e ao estímulo de comportamentos frívolos*; no terceiro, na l. 22, *doutrina do consumo*; no quarto, na l. 27, *consumo*.

O fator da **progressão** acontece no segundo parágrafo que informa dos valores negativos implicados na propaganda; no terceiro, a aceitação passiva das pessoas pelo que veiculado nessa propaganda; no quarto, contrapõe a educação ao enfrentamento dos valores negativos da publicidade do consumo.

Os parágrafos não apresentam articuladores que, via de regra, têm essa função, como *portanto*, *assim*, *dessa forma*, por exemplo, mas a **articulação** está presente pela harmonia interna das partes, facilitada pela tradicional repartição do texto em três partes – **introdução, desenvolvimento e conclusão**.

De início, o primeiro parágrafo constitui a **introdução** e a **tese** do que vai se discutido nas trinta e uma linhas, deixando evidente para o interlocutor as marcas dos objetivos do que pretende o enunciador, para granjear a sua aceitabilidade.

O **desenvolvimento** mostra que a sua sequência se dá de maneira **articulada**, atendendo o terceiro fator de textualidade da coerência. Se na tese a publicidade ignora o bom senso, no segundo parágrafo acrescenta à propaganda *exaltação e estímulo de comportamentos frívolos, estereotipados e nocivos*; à proposta do texto, no terceiro, continua com as pessoas sendo *hipnoticamente* induzidas a aceitar *o supérfluo e o dispensável*, após *insistente e sedutora propaganda*.

No quarto, há ainda a manipulação arditosamente praticada pela propaganda, mas desta vez, como proposta de conclusão, o texto, para opor-se a esses desmandos da propaganda de bens de consumo veiculados – apresenta a *educação*, que desenvolve a *vigilância epistêmica* e a criticidade nos indivíduos.

A **não-contradição** pode ser atingida na abordagem do que seja capitalismo do ponto de vista ideológico do enunciador, a quem são destacadas qualidades pouco elogiáveis, o que pressupõe, obviamente, que

o sistema político-econômico que a ele se oponha não tenha estas qualidades.

Os fatores pragmáticos ganham espaço neste texto, como por exemplo, os **tempos verbais** do presente do indicativo – *é* (ls. 3, 4, 6, 17, 22), *são* (ls. 4,16), *ignora* (l. 9), *servem* (l. 13), *passa* (l. 19), *passam* (l. 20), *representam* (l. 21), *há* (l. 24), *cerca* (l. 31) – que mostram que o enunciador compromete-se, responsabiliza-se pelo que enuncia, assumindo o que é dito.

A apreciação subjetiva negativa, como dito linhas acima, quanto aos valores da publicidade, sob o domínio do capitalismo, é traduzida pelo emprego de **modalizadores** de maneira até redundante. Assim, logo na l. 1, temos *consumismo escravizante e doentio*; na l. 09, ainda no primeiro parágrafo, aparece *ignora o bom senso*. No segundo, na l. 11 e na l. 12, imagens e textos *apelativos*; nas ls. 12 e na l. 13, exaltação e ao estímulo de comportamentos *frívolos, estereotipados e nocivos*. O terceiro parágrafo colabora com esse conjunto apresentando, na l. 17, as pessoas são *hipnoticamente induzidas a aceitar*; nas l. 18 e na l. 19, aquilo que antes era *supérfluo ou dispensável*, após *insistente e sedutora* propaganda...

O parágrafo final também exprime a atitude pessimista do enunciador em relação ao que foi produzido como na l. 25 – efeitos psicológicos e sociais da *manipulação ardilosamente* praticada. Coincidindo com a proposta de solução para os desmandos da propaganda consumista, o texto apresenta, desta vez, uma apreciação positiva traduzida por modalizadores, na l. 28 e na l. 29, como estimular a prática de atividades *úteis e edificantes*, desenvolvendo nos indivíduos a chamada vigilância *epistêmica*, tornando-os *críticos* – o que é a conclusão.

O grande número de modalizadores em um texto confere a ele pouca objetividade, ocupando espaço de elementos argumentativos que o tornam denso, compacto, como, por exemplo, dados estatísticos, exemplos, citações, fatos acontecidos, dados comprovados, causas, conseqüências e enumeração.

O emprego dos **operadores argumentativos** é exíguo constituindo-se do **para**, indicador de finalidade, e do **e**, de soma. O primeiro aparece nas linhas 13 e 24; o segundo, nas linhas 8, 19, 25, 27 e 30.

A análise do texto parte do **pressuposto** de que há aspectos negativos subjacentes à doutrina do consumo, ou seja, à doutrina capitalista. Essa ideologia é retratada com a utilização de outros pressupostos como, por exemplo, o pronome relativo **que**, empregado na l. 02, pressupõe que *dentre vários há um consumismo escravizante e doentio imposto pelo capitalismo às diversas sociedades*.

Na l. 13, esse elemento linguístico (que) pressupõe que *propagandas transmitidas são voltadas à exaltação e ao estímulo de*

comportamentos frívolos, estereotipados e nocivos e servem para desviar o olhar dos indivíduos das verdadeiras necessidades humanas.

Na l. 21, ele (que) pressupõe *alguns hábitos e atitudes não representam a verdadeira identidade individual ou coletiva*. E na l. 31, *que a vigilância epistêmica torna os indivíduos críticos e donos de sua própria vontade, conhecedores de si e da realidade que os cerca, e não outra.*

A intertextualidade de forma explícita não ocorre, apenas de forma indireta temos, na ls. 10, 11, *Propagandas transmitidas diariamente nos diversos meios de comunicação.*

Os elementos linguísticos da **coesão** ocorrem sem desvio da normalidade; no primeiro parágrafo, na l. 3, **que** retoma *consumismo escravizante e doentio*; na l. 4, **que** *diversas sociedades* e na mesma linha **ele**, *capitalismo*; nas ls. 5-6, **este sistema** reflete *capitalismo*; na l. 7, **atividade esta**, *publicidade*.

No segundo parágrafo, há dois casos de coesão; um, na l.13, com **que** retomando *comportamentos frívolos, estereotipados e nocivos*; e na l. 14, **indivíduos**, *público*. No terceiro, o número de elementos coesivos aumenta como na l. 17, **lhes** que retoma *pessoas*; esse, por sua vez, retoma *pessoas*, da l. 16; na l. 21, **que**, *atitudes*, e **sua**, *pessoas*. Na l. 22 e na l. 23, há a conclusão do parágrafo com *É a doutrina do consumo formando adeptos*, em que pode-se considerar a ocorrência da **elipse** do elemento coesivo **tudo isso** que articula de forma sucinta as idéias apresentadas antes.

No parágrafo final, na l. 28, **indivíduos** retoma *indivíduos* da l. 14; na l. 29, **os**, na l. 30, **sua e si**; e na l. 31, **os**, retoma *indivíduos*; e na l. 31, **que**, *realidade*.

Quanto ao emprego das **classes gramaticais**, não há nenhuma ressalva a ser feita, nenhum deslize a ser apontado.

REFERÊNCIAS

ABREU, A. S. **Curso de redação**. 12^a ed. São Paulo: Ática, 2004.

BEAUGRANDE, R. e DRESSLER, W. **Introduction to text linguistics**. Londres/Nova Iorque? Longman, 1981.

BELLINE, Ana H. C. **A dissertação**. São Paulo: Editora Ática, 1988.

BLOOM, Benjamin S. et all. **Taxionomia dos objetivos educacionais. 1 Domínio cognitivo**. 7^a ed. Rio de Janeiro e Porto Alegre: Globo, 1983.

BRANDÃO, H. H. N. **Subjetividade, Argumentação, Polifonia** - A propaganda da Petrobrás. São Paulo: Editora Unesp, 1998.

CEGALLA, D. P. **Português para o 2º grau**. 14ª ed. São Paulo: Nacional, 1078.

CHAROLLES, Michel et all. Introdução aos problemas de coerência dos textos. In: **O texto, leitura & escrita**. 2ª ed. Campinas, SP.: Pontes Editores, 1997.

VAL, M. da Graça C. **Redação e textualidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

DUBOIS, J. et all. **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Cultrix, 1973.

FARACO & MOURA. **Para gostar de escrever**. São Paulo: Ática, 2000.

FÁVERO, L. L. **Coesão e coerência textuais**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1993.

FIORIN, J. L. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Ática, 1988. Série Princípios.

GERALDI, J. W. (Org.) **O texto na sala de aula. Leitura e produção**. 2ª ed. Cascavel-Pr. Assoeste, 1984.

_____. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

GERALDI, J. W. & ILARI, R. **Semântica**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1987.

GARCIA, O. M. **Comunicação em prosa moderna**. 14ª ed. R.J.: Fundação Getúlio Vargas, 1988.

GUIMARÃES, Eduardo. (Org.) **História e sentido na linguagem**. Campinas, SP: Pontes, 1989. Coleção: Linguagem/crítica.

HALLIDAY, M. A. K. e HASAN, R. **Cohesion in English**. Londres/Nova Iorque: Longman, 1976.

KOCH, I. V. **Argumentação e linguagem**. 4ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 1996.

____. **A coesão textual**. 8ª ed. São Paulo: Contexto, 1996. (Repensando a Lín. Portuguesa)

____. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 1997.

____. **Argumentação e linguagem**. 4ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 1996.

KOCH, I. G. V. & TRAVAGLIA, L. C. **A coerência textual**. 7ª ed. S. P.: Contexto, 1996.

KOCH, I. V. & TRAVAGLIA, L. C. 5ª ed. **Texto e coerência**. São Paulo: Cortez Editora, 1997.

LEITE, R. A. Soares et alii. **Comunicação interpretação Vol.3**. São Paulo: Nacional, s/d.

MAIA, J. D. **Literatura: textos & técnicas**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1996.

MARCUSCHI, L. A. **Linguística de texto: o que é e como se faz**. Recife-PE.: Universidade Federal de Pernambuco, 1983. Série Debates 1.

PÉCORA, Alcir. **Problemas de redação**. São Paulo: Martins Fontes: 1983.

PLATÃO & FIORIN. **Lições de texto: leitura e redação**. São Paulo: Ática, 1996.

SANTOS, M.do C. O. T. **Retratos da escrita na universidade**. Maringá: Eduem, 2000.

SUASSUNA, L. **Ensino de Língua Portuguesa - Uma abordagem pragmática**. São Paulo: Papyrus Editora, 1995.